

Suplemento Cultural

Poeta Dom Aquino Corrêa homenageado no 13º Recital 'Arte de Dizer'

RUBENIO MARCELO – membro e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Mais uma vez o 'Curso de Declamação Castro Alves', da professora, poeta e acadêmica Elizabeth Fonseca, apresentará um espetáculo ímpar da autêntica Arte de Dizer. É o seu XIII Recital de Poesias, que ocorre na próxima quarta-feira (21/10, a partir das 19h30min) no Teatro Aracy Balabanian (Rua 26 de Agosto, 453 - Campo Grande).

O tradicional acontecimento – aberto, sem fins lucrativos – que a cada ano celebra o potencial artístico da arte poética declamada, homenageará nesta edição o poeta cuiabano Dom Francisco de Aquino Corrêa, mostrando – através de performances – poemas antológicos de sua lavra, como "Cuiabá", "Campo Grande", "Canção do Paiaguá", "Marcha para o Oeste", "Geognose", "Guiacurus" e outros. Dentre os declamadores, apresentar-se-ão nomes ilustres desta arte, como Ileides Muller, Evandro Walker, Sandra Maria Arantes, e a própria Elizabeth Fonseca.

Este 13º Recital, que será dividido em três partes (sendo uma voltada para o público infantil), terá abertura especial dedicada ao poeta homenageado – com declamação de Walesca Cassundé e dois números musicais com Galvão e Rubenio Marcelo (composições autorais). Um dos blocos enfocará poetas da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (instituição que se encontra prestes a comemorar 44 anos de fundação), e o bloco principal celebrará a obra de Dom Aquino. No intervalo artístico, haverá apresentações de três números musicais com Eliete Sueli e Walter Demirdjian.

Tudo está sendo cuidadosamente preparado pela direção do *Curso Castro Alves*, para que o privilegiado público presente – em ambiente aconchegante e familiar – possa desfrutar de um evento deveras tocante e pleno de lazer. Assim tem sido em todas as edições do Recital, que tem entrada franca e que enfatiza a justa e perfeita harmonia das duas mais belas artes: poesia e música.

Francisco de Aquino Corrêa (Dom Aquino)



DOM AQUINO CORRÊA NO SEU JUBILEU DE PRATA EPISCOPAL – 1947

“

O tradicional acontecimento – aberto, sem fins lucrativos – que a cada ano celebra o potencial artístico da arte poética declamada, homenageará nesta edição o poeta cuiabano Dom Francisco de Aquino Corrêa, mostrando poemas antológicos de sua lavra”

foi Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Academia Mato-Grossense de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Sobre a sua verve poética, assim afirmou o acadêmico José de Mesquita: *“Poeta, mais que tudo, e acima de tudo, Dom Aquino o foi; e, dos atributos que possuiu, foi este o que constituiu o seu mais lídimo padrão de glória”*.

GOOGLE

Último de quatro irmãos, Francisco de Aquino Corrêa nasceu em Cuiabá/MT, em 2/04/1885, e desde cedo revelou sublime inteligência, dedicação aos estudos e pendor religioso. Verdadeiro homem de Deus e da Pátria, faleceu em São Paulo em 22/03/1956. Após a morte, Dom Aquino foi assim definido pelo seu sucessor, Dom Orlando Chaves: *“Foi um gênio e foi um santo”*.

A ele escrevi, especialmente para este Recital, este poema a seguir:

DOM AQUINO
(por Rubenio Marcelo)

Era 2 de abril
Quinta-feira Santa
de um ano aberto na história...
E numa casa simples
repleta de luz e primazia
à beira do rio Cuiabá
um Francisco nascia...

Nascia um menino,
um gênio, um poeta,
um homem de Deus:
Francisco de Aquino!

De porte sereno, pregador da fé,
pleno de virtudes, olhar complacente,
semblante altivo e voz eloquente...

Trilhou a sua vida
nos caminhos do bem e da poesia...
Em poéticas, oratórias e pastorais,
plantou a semente dos seus ideais...
Ideais de virtude – preleções de valor
que renascem a cada dia
em cada ato de verdade
e em cada gesto de amor...

Com puro talento, alma jovial
e o tom da palavra
forte, qual um hino
bem-aventurado, sobrenatural,
fez valer dom divino,
por isto, dom imortal...
Dom Aquino!

O Nome do Jogo

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Descubro em uma conversa com amigas que sou mais contraditória do que imaginava. Trabalho todos os dias com textos teóricos, sei do valor da ciência, mas não há cristo que me faça colocar a bolsa no chão. Uso produtos de alta tecnologia para lavar as roupas sem muito esforço, mas não penduro no varal uma camisa de ponta cabeça. Sigo todos os gramas ao fazer uma receita de bolo, mas não o ponho no forno sem antes dar três batidinhas com a mão fechada no fundo da assadeira e fazer uma cruz por cima dela. Sei que a vitória do Brasil nos jogos da copa depende só da competência dos jogadores, mas entorto todos os dedos em figa numa cobrança de falta. Fiz vestibular há quarenta anos, mas não tiro o santinho do Menino Jesus de Praga da minha carteira até hoje. Descubro, também, que é af que mora a graça. Não há coisa mais irritante do que os seres sempre coerentes, eficientes, competentes. Esses pequenos atos, que não prejudicam ninguém, acabam desenhando a nossa cara, surpreendendo os outros e a nós mesmos. Ah! As pequenas superstições! Quantas vezes somos alvos da decepção e salvos por conta delas. Neste quesito, lembro-me da vassoura virada atrás da porta. Nem preciso explicar pra quê, não é? Todo mundo conhece a função.

A partir de agora, vamos entrar num período em que essas coisinhas supersticiosas vão ter que funcionar também. Vamos entrar no período das campanhas e eleições. Outro dia já tinha chamado à presença o mágico Tabajara, o único capaz de nos safar de algumas situações que se prenunciam. Continuo achando, mas continuando, ainda, na descoberta das minhas contradições, lembrei-me de uma lista interminável de outros auxiliares pródigos na resolução do que quer que seja. Devo a lembrança a minha formação católica, é claro. Vamos lá: Santa Rita de Cássia, a santa das causas impossíveis; São Geraldo, o redentor; São Judas Tadeu, dos desesperados e aflitos; Santo Expedito, das causas justas e urgentes. Fico nestes poucos porque posso não lembrar de todos e ficar devendo. E pra santo não se pode dever. Mas se pode pedir e, então, vamos pedir, com todo respeito, para nos livrarmos da repetição dos discursos incoerentes, mal-escritos e piormente falados; para nos livrarmos das promessas impossíveis de serem quantificadas e, portanto, impossíveis de serem cumpridas; para nos livrarmos dos jogos de cena de honestidade, de fé, de ingenuidade. É só prestar atenção nos nomes das chapas da campanha presidencial! Meu Deus! O que faz parte do jogo, mas será que não dá pra deixar de ser um jogo? Os cientistas políticos poderiam responder?

Toc, toc, toc, mangalô, três vezes. Leiamos as pesquisas. Ouçamos os discursos. Acompanharemos os debates. Livraremos dos males. Amém.

O Encontro Iluminado

HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

O menino ouviu, curioso, a explicação do padre catequista, na aula, num canto do salão paroquial: - Pelo fenômeno da transubstanciação (que será transubstanciação?), ao ser consagrada, a hóstia, de trigo que é, transforma-se em corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

- Que coisa bacana! Em dado momento, o pão transforma-se em Cristo, e isso diante dos nossos próprios olhos - extasiou-se o menino. Esse era a razão por que Paulito pregava os olhos na hóstia consagrada, e apresentada pelo sacerdote aos fiéis, durante a missa. Na hóstia ou no cálice.

- Eu quero ver Cristo - olhava firme, esperançoso e... nada. Não se dava por vencido: - Eu sei por que Cristo não apareceu, desta vez. Ontem afanei o canivete do Moluca. Mas, também ele roubou a minha campainha, né - e sorria malicioso e compreensivo.

Todos os domingos repetia-se a mesma cena de esperança e de fracasso. Passaram-se os anos. Paulito aguardando sempre o milagre. Que não vinha.

- E se de repente - rumina ele - do cálice surgisse uma luz resplandecente e nela a figura de Cristo? - e antegozava o espetáculo.

Paulito cresceu, fez-se homem, sem jamais abandonar a esperança de ver Cristo, esperança desgastada agora pela dúvida...

- O vô Paulito faz hoje noventa anos de idade. Vai ter um festão lá em casa - comentou Vandinho, na hora do recreio. Na casa, o rebuliço era enorme: parentes da cidade e de fora, os tios, os primos os amigos. Quanta gente, meu Deus!

Primeiro, a missa; depois, o jantar festivo - era a programação.

Durante a missa, os pensamentos de infância voltaram a beliscar o coração cansado de vô Paulito. Desta vez, sorriu da sua ingenuidade, apertado no temo novo, sapatos e gravata.

- Fui um grande presunçoso - racionava, conformado. - É claro que Cristo está na hóstia sagrada. (Estará mesmo?). Mas para ele não estava, um pecador esculachado. Estava

para os santos, para as freiras carmelitas, que levavam uma vida inteira de recolhimento, de oração, de penitência.

No calor de agosto, o suor começou a escorrer pelas faces enrugadas, molhando o colarinho apertado.

- Que chatas essas minhas filhas! - murmurava baixinho vô Paulito. - Para que terno e gravata? Pra quê?

Carolina, a filha mais velha, e Dirceu, o elegante genro, procuravam suavizar o desconforto. Abanavam o aniversariante com muito carinho.

A missa prosseguia no sermão do padre, nas respostas dos fiéis, nas ondas musicais do corporal. Num dado momento, fez-se espesso silêncio. Lentamente, o sacerdote levantou a hóstia; depois, o cálice. Vô Paulito arregalou os olhos, balançou a cabeça, incrédulo. O coração cabriolou no seu peito magro. Do bojo do cálice surgiu estranha luz, que foi se tornando intensa, transbordou, derramou-se pelo chão, subiu pelas paredes e explodiu num clarão que projetava a figura viva de Cristo.

- Agora, você acredita?
Vô Paulito desembulhou as pernas nervosamente, levantou-se trêmulo, empurrou com impaciência a filha e o genro, deu dois passos trôpegos em direção ao altar. - Meu Deus! - exclamou ele do fundo do coração, desabando, de vez, no corredor da nave, morto.

- O vô morreu! - gritou em pânico Marleide, a neta mais velha.

Apanhado de surpresa, padre Tomás depositou o cálice sobre o altar e correu para socorrer o vô.

No rebuliço que se formou, falavam mais altos os soluços de D. Chica: - Bem que avisei. O vô não iria aguentar tantas emoções.

- A luz piscou um pouco na hora da consagração - esclareceu afogada em lágrimas a beatífica tia Inês. - Parecia até um aviso.

Coberto de flores, no caixão mortuário resplandecia serenamente a fisionomia de vô Paulito. Encontrara, afinal, o seu Cristo. Exibia nos lábios um quê de beatitude, plena, infinita, de quem está entrando gloriosamente no céu, na noite iluminada dos seus noventa anos.

POESIAS

O SEGREDO DAS ÁGUAS

Donde vêm as águas?
- Do laboratório divino
O fluido é condensado em água
Que cai
Sobe
Brotou
Despeja
Corre
Alimenta
Multiplica
Substâncias

O dom das águas é fluir
No nascedouro
E mesmo depois
De represada
Em outra fase não fugirá
À força divina do eterno fluir

Até o charco ainda que
Aparentemente imóvel
Elabora em segredo
No calor das essências
A vida luxuriante que depois se expõe
Miraculosamente

No pantanal o mistério
Das águas
É sublime ainda mais
Suas temperaturas cambiantes
Acalentam variedades
De animais
Num tanto que desafia
A imponência da matemática

A água é fiel veículo
- Não a envenene
Mesmo por pensamento
Para que tal ato não se converta
Em conseqüências desastrosas
Acionando outras águas
Para verterem com amargura
Dos olhos do teu flamar.

GUIMARÃES ROCHA

BUENOS DIAS

(Pelo Dia de Nossa Senhora Aparecida - 12 de outubro)

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Buenos dias, velha querência, bom dia, Brasil Grande do Sul. Bom dia, pátria brasileira, da Padroeira Nossa Senhora Aparecida.

Bom dia, terra da Virgem Santa Maria, Primeira prenda do céu. Bom dia, pampa de Nossa Senhora Conquistadora, dos heróis farroupilhas, dos revolucionários que conquistaram o seu chão, com lança, garrucha e espada.

Bom dia, Nossa Senhora Missioneira dos Sete Povos das Missões, dos índios catequizados, do cacique-herói Sepé Tiaraju.

Bom dia Rio Grande, da Mãe dos escravos desvalidos, Madrinha do Negrinho do Pastoreio.

Bom dia, Perpétuo Socorro, de tantos perseguidos, de muito peão pobre e sem futuro.

Bom dia, Medianeira dos tesouros e bênçãos do Patrão Velho Celeste.

Bom dia, terra da Nossa Senhora da Paz, cuja proteção pacificou chimangos e maragatos, irmanado-os nos mesmos ideais de cidadania.

Bom dia, Pátria de Nossa Senhora Aparecida das águas, Rainha e Padroeira dos brasileiros de todas as querências, filhos crioulos da terra ou imigrantes de além mar, que aqui se aquerenciaram e meteram o ombro na riqueza e no progresso deste país.

Hoje, Prenda Tropeira do céu, mais do que nunca, precisamos de Ti, contra a violência, a corrupção, a agressão à natureza, o descaso pela vida humana.

Protege, Nossa Senhora do Amparo, as nossas prendinhas e os nossos piazinhos, defende-os dos carrascos desalmados que arrastam crianças pelos pedregais deste solo, cognominado Terra de Santa Cruz.

Tradicionalistas, cultores dos costumes e virtudes do passado, queremos o sinuelo da tua presença e proteção, na tropeada desta existência. Amém.